



VII Colóquio Internacional São Cristóvão/SE / Brasil
"Educação e Contemporaneidade" 19 a 21 de setembro de 2013
ISSN 1982-3657



HABILIDADES LINGUÍSTICAS BÁSICAS:

PRÁTICAS EM SALA DE AULA

¹ Marlucy Mary Gama Bispo

Eixo temático - Currículo: linguagens, ciências e práticas pedagógicas.

Resumo

Este trabalho tem como principal objetivo apresentar uma reflexão teórica sobre ensino de língua materna, culminando com a apresentação de práticas pedagógicas desenvolvidas, nas séries finais do ensino fundamental, no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe. A concepção teórica que delineia este estudo comunga com o pensamento daqueles que se interessam pelo 'desempenho' da língua como prática social. Concepção, esta, desenvolvida a partir das ideias bakhtinianas, reiteradas nas correntes sociointeracionistas e socioteóricas. Dessa forma, no desenvolvimento das referidas práticas, foram valorizadas as quatro habilidades linguísticas básicas: ouvir, falar, ler e escrever.

Palavras-chave: língua materna; ensino-aprendizagem; prática social.

Summary

This work has as main objective to present a theoretical reflection on the teaching of maternal language, culminating in the presentation of educational practices developed in the final grades of primary school, in College of Application of the Federal University of Sergipe. The theoretical framework that delineates this study communes with the thinking of those who are interested in the 'performance' of language as social practice. This design was developed from Bakhtinian's ideas, and reiterated in current socio-interactionists and socio-theoretical. Therefore, the development of these practices, was valued the four basic language skills: listening, speaking, reading and writing.

Keywords: mother tongue; teaching and learning; social practice.

¹Mestre em Letras. Membro do Grupo de Pesquisa em Práticas Educativas e Aprendizagens em Educação Básica (GPEA - UFS). marlucygama@hotmail.com

Tornar o processo de ensino-aprendizagem significativo e prazeroso, frente à massificação das mídias eletrônicas e digitais, constitui-se como um desafio àqueles que cotidianamente, estão nas salas de aulas, por vezes, dispondo, mal, do quadro, do giz e de um exemplar de livro didático. Este trabalho tem como objetivo apresentar uma reflexão teórica sobre ensino de língua materna, destacando os tópicos Concepções de Língua e Linguagem, e, Oralidade, Escrita e Ensino de Língua Portuguesa, culminando com a apresentação de práticas pedagógicas desenvolvidas, nas séries finais do ensino fundamental, no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe. A concepção teórica que delinea este estudo comunga com o pensamento daqueles que se interessam pelo 'desempenho' da língua, entendido como situação concreta de uso, isto é, como prática social. Concepção, esta, desenvolvida a partir das ideias bakhtinianas, reiteradas nas correntes sociointeracionistas (com ênfase na interação entre os sujeitos do ensino e da aprendizagem) e socioteóricas (com ênfase no estudo da linguagem em situações de uso). Dessa forma, no desenvolvimento das referidas atividades, foram valorizadas as quatro habilidades linguísticas básicas: ouvir, falar, ler e escrever.

1. Concepções de Língua e Linguagem

Os estudos linguísticos, intensificados de forma significativa nas últimas décadas, ampliaram as concepções de língua e linguagem, observadas em determinados contextos, inclusive neste, como sinônimas.

De acordo com Koch (2007), as diversas formas de se conceber a linguagem humana, ao longo da História, podem ser sintetizadas em três, a saber: como representação ("espelho") do mundo e do pensamento; como instrumento ("ferramenta") de comunicação ou, ainda, como forma ("lugar") de ação ou interação. Na primeira delas, a função da língua é representar, refletir o pensamento e o conhecimento de mundo que o homem tem, uma vez que ele representa o mundo para si através da linguagem. Já a segunda concepção vê a língua como um código que, seguindo normas de combinação, é responsável por transmitir uma mensagem entre um emissor e um receptor, logo, transmitir informações se constitui como a principal função da linguagem. Por fim, a terceira concepção considera a linguagem como **atividade**, como **forma de ação**, como **lugar de interação**. A essa última, daremos adiante um maior enfoque, uma vez que este trabalho privilegia os estudos que defendem tal concepção.

As primeiras concepções aqui apresentadas dão suporte ao estruturalismo de Saussure e ao gerativismo de Chomsky. Ainda, para Koch...

[...] tanto a linguística estrutural como a gerativa, portanto, procuravam descrever a língua em abstrato, fora de qualquer contexto de uso. Muitos linguistas, contudo, especialmente em países europeus (tome-se com exemplo a França, a Alemanha, a Inglaterra), passaram a voltar sua atenção para a *linguagem enquanto atividade*, para as relações entre a língua e os usuários e, portanto, para a ação que se realiza *na* e *pela* linguagem: vai ganhando terreno aos poucos, a *linguística pragmática* (KOCH, 2007, p. 9).

Tem-se, dessa forma, constituída a oposição conceitual entre o que foi chamado de **linguística do sistema** (da língua) e **linguística do discurso**, através da qual...

[...] o que se visa, então, é tentar descrever e explicar a inter (ação) humana por meio da linguagem, a capacidade que tem o ser humano de interagir socialmente

por meio de uma língua, das mais diversas formas e com os mais diversos propósitos e resultados (Ibidem, idem, p. 10).

Como afirma Franchi, a linguagem “pois, não é um dado ou resultado; mas um trabalho que dá forma ao conteúdo de nossas experiências, trabalho de construção, de retificação do vivido” (FRANCHI, 1977, p.22).

Orlandi (1987) partilha desse pensamento ao considerar linguagem como trabalho, uma necessidade, uma vez que não lhe é facultada o caráter arbitrário nem natural. Assim, para a autora, linguagem e trabalho são produzidos na dinâmica da interação entre homem e sociedade, logo não se poder apartar o estudo da linguagem da sociedade que a produz, nem desconsiderar que os processos que constituem a linguagem são histórico-sociais.

Na lógica de tais considerações, cabe um enfoque ao pensamento de Bakhtin, filósofo russo, que segundo Bezerra (2009, p.170), **desvelou a verdadeira natureza da linguagem.**

Para Bakhtin...

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato, de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo fato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal se constitui assim a realidade fundamental da língua (BAKHTIN, 2006, p.125).

Bezerra, ainda, ratifica as ideias de Bakhtin quando afirma que a língua não é “apenas um sistema de comunicação como pensavam os estruturalistas, mas é fundamentalmente uma atividade interativa (dialógica) de natureza sociocognitiva e histórica” (BEZERRA, 2009, p.170).

Tal afirmação acha-se em consonância com Marcuschi, exposta nos termos:

[...] não existe um uso significativo da língua fora das inter-relações pessoais e sociais situadas [...]. Isto quer dizer que todo uso autêntico da língua é feito em textos produzidos por sujeitos históricos e sociais de carne e osso, que mantêm algum tipo de relação entre si e visam a algum objetivo comum (MARCUSCHI, 2008, p. 23).

Nesse sentido, Geraldi (2003) admite que, ao se perceber a interação verbal como o lugar da produção da linguagem e dos sujeitos, reconhece-se que a língua, no entendimento sociolinguístico, não se encontra pronta, acabada, tida tal qual um sistema de que o sujeito se vale no ato de interação, mas, através da interlocução, na prática da linguagem, a língua se (re) constrói. Daí relacionar língua enquanto *trabalho social* e histórico a *sujeito social* que, tal como a língua, não está pronto, mas se completa e se constrói nas suas falas.

O autor ainda ressalta que as interações ocorrem num amplo contexto social e histórico, dentro dos limites das interferências, seleções e controles de uma dada formação social, logo, “são produtivas e históricas e como tais, acontecendo no interior e nos limites do social constroem por sua vez limites novos [...]. É no acontecimento que se localizarão as fontes fundamentais produtoras da linguagem, dos sujeitos e do próprio universo discursivo” (GERALDI, 2003, p. 6-7). Frise-se que “acontecimento”, nesse contexto, não é entendido como mera manifestação da linguagem verbal, uma vez que incorpora, além do sujeito e suas ações linguísticas (entre um eu e um tu), a historicidade da linguagem (movimento que ocorre na história pelo trabalho dos sujeitos) e o contexto social das interações verbais (condições em que os discursos são produzidos).

Considera Britto que “a língua, enquanto produto histórico e quase-estruturante, resultará tanto das ações da linguagem e sobre a linguagem que os sujeitos realizam, como da ação da linguagem (já que esta é histórica e trabalho de muitos) sobre estes mesmos sujeitos” (BRITO, 2008, p. 48).

Antunes (2005, p. 21), sintetiza bem a compreensão de língua/linguagem, majoritária nessa abordagem, ao afirmar que “[...] todas as questões que envolvem o uso da língua não são apenas questões linguísticas; são também questões políticas, históricas, sociais e culturais” e, como tais, não podem ser resolvidas nas gramáticas ou manuais de redação. Portanto, entendemos que é na interlocução entre os sujeitos, enquanto protagonistas do contexto político, histórico, social e cultural que as questões linguísticas se manifestam.

Nosso entendimento comunga com o pensamento daqueles que se interessam pelo ‘desempenho’ da língua, entendido como situação concreta de uso.

2. Oralidade, Escrita e Ensino de Língua Portuguesa

Considerando a concepção de língua e de texto como formas de prática social, torna-se pertinente uma reflexão sobre estudos que fazem alusão às relações existentes entre oralidade e escrita e entre essas e o ensino de Língua Portuguesa.

Inicialmente nos reportamos a Marcuschi (2007), concordando com sua posição de que as relações entre fala e escrita (enquanto modalidades de uso da língua) ou oralidade e letramento (entendidas como práticas sociais) não podem ser vistas de forma estanque, dicotômica, e, sim, de forma ampla, no contexto das práticas comunicativas e dos gêneros textuais. Concepção que, segundo o autor, surgiu a partir dos anos 80 do século XX, contrapondo-se aos estudos que dimensionaram a oposição entre a oralidade e a escrita, atribuindo um maior valor social e cognitivo à escrita.

Sobre essa supremacia, afirma ele que a escrita...

[...] *se tornou* um bem social indispensável para enfrentar o dia-a-dia, seja nos centros urbanos ou na zona rural. Não por virtudes que lhe são imanentes, mas pela forma como se impôs e a violência com que penetrou nas sociedades modernas e impregnou as culturas de um modo geral (Ibidem, p. 16, destaque no original).

Considera ele, ainda, a despeito de o homem poder ser definido, de forma elementar, como um ser que fala e não como um ser que escreve, e de que a tradição oral é imanente a todos os povos, ao passo que poucos tiveram ou têm uma tradição escrita, mas não se pode atribuir um status mais alto à oralidade. Observa o autor que tanto a oralidade como a escrita são práticas e usos da língua que apresentam suas peculiaridades, permitem a elaboração de textos coesos e coerentes, de raciocínios abstratos e exposições formais e informais, mudanças de estilos etc. Contudo, Marcuschi, acrescenta:

Mais urgente (e relevante) do que identificar primazias e ou supremacias entre oralidade e letramentos, e até mesmo mais importante do que observar oralidade e letramentos como simples modos de uso da língua, é a tarefa de esclarecer a natureza das práticas sociais que envolvem o uso da língua (escrita e falada) de um modo geral. (Ibidem, p.18).

Nesse sentido, Marcuschi chama a atenção para o fato de que operamos com a língua, cotidianamente, em diferentes situações e contextos, e a passagem do oral para o escrito e vice-versa se dá de forma natural,

quando estamos devidamente letrados. Entenda-se letramento como “conjunto de conhecimentos, atitudes e capacidades necessário para usar a língua em práticas sociais”. (BATISTA, *apud* COSTA VAL, 2006, p.19). Uso este que compreende atividades de expressão oral e/ou escrita e permite que um indivíduo analfabeto possa ser considerado letrado.

Cabe aqui, um resgate à observação de Marcuschi (2007, p. 19) sobre a tendência à escolarização do letramento, o que leva a supor a existência de um só letramento, aquele que se dá através da aquisição da escrita. Para o autor, a escrita é uma manifestação formal do letramento em sua versão institucional, diga-se, adquirida na escola. Os chamados “letramentos sociais”, que existem fora do contexto escolar, não devem ser depreciados, a nosso ver, eles são fundamentais ao letramento com vistas à aquisição da escrita.

A partir de tais considerações, torna-se pertinente, também, ressaltar a contribuição “teórica” dos PCNs de Língua Portuguesa (1998), sobretudo, do Ensino Fundamental, que, em se apropriando do discurso da literatura linguística mais recente, preconizam como primeiro objetivo do ensino de língua materna, que a escola possibilite ao aluno “utilizar a linguagem na escuta e produção de textos orais e na leitura e produção de textos escritos de modo a atender a múltiplas demandas sociais, responder a diferentes propósitos comunicativos e expressivos, e considerar as diferentes condições de produção do discurso” (BRASIL, 1998, p. 32). Entendemos que, para tanto, a escola precisa capitalizar as semelhanças e diferenças existentes entre a oralidade e a escrita, no sentido de permitir ao aluno, que está “oficialmente” incluído no mundo da escrita, a possibilidade de transitar com ela e através dela, reconhecendo e assumindo a sua tradição oral (a fala) como o ponto de partida para chegar à escrita.

Ainda conforme os referidos Parâmetros “todo texto se organiza dentro de determinado gênero em função das intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, as quais geram usos sociais que os determinam” (BRASIL, 1999, p. 21).

Observe-se, ainda, que a caracterização geral eixos organizadores dos PCNs para o ensino de língua partem do pressuposto que

a língua se realiza no uso, nas práticas sociais; que os indivíduos se apropriam dos conteúdos, transformando-os em conhecimento próprio, por meio da ação sobre eles; que é importante que o indivíduo possa expandir sua capacidade de uso da língua e adquirir outras que não possui em situações linguisticamente significativas, situações de uso de fato (Idem, *Ibidem*, p.43).

Logo, o ensino da língua materna, para além do domínio da língua padrão, deve privilegiar o domínio da competência textual (oral e escrita), voltado para o uso social da língua, que percebe as diferenças dialetais, vale-se de práticas de leitura, escrita e análise linguística em situações reais, consoante o fluxo: uso- reflexão – uso.

Pode-se afirmar, ainda, que a base comum da teorização dos PCNs reflete uma concepção de língua desenvolvida a partir das ideias bakhtinianas, reiteradas nas correntes sociointeracionistas (com ênfase na interação entre os sujeitos do ensino e da aprendizagem) e socioteóricas (com ênfase no estudo da linguagem em situações de uso)

3. Apresentação de práticas pedagógicas

A seguir, discorreremos sobre duas atividades intituladas **Momento de Cidadania** e **Isso Também é Aula de Português**, desenvolvidas, no Colégio de Aplicação da UFS, no ano letivo de 2012, no 6º e 9º ano do ensino fundamental, respectivamente. Tais atividades se configuram, no nosso entendimento, como práticas fundamentadas nas concepções teóricas apresentadas nos tópicos antecedentes.

Atividade 01: Momento de Cidadania (MC)

Essa atividade foi desenvolvida nos 15 minutos iniciais das aulas de Língua Portuguesa. Os alunos já estavam, previamente, informados que deveriam trazer para esse momento uma notícia, sobre um problema social local, nacional ou mundial, extraída de uma mídia (revista, internet, jornal escrito ou televisão, rádio) ou fonte oral.

Tal notícia deveria ser escrita no caderno escolar, apresentando: título, corpo do texto com o mínimo de cinco linhas, comentário pessoal entre duas e três linhas e no final fonte de informação.

Diariamente, no espaço da aula destinado à atividade, eram escolhidos três alunos para apresentarem suas notícias, cada um, após a leitura do seu texto, diziam que problema social era abordado, apresentando em seguida seu comentário pessoal sobre o problema.

Dada essa etapa, abria-se o debate, ocasião em que todos os alunos podiam expor suas opiniões sobre o assunto abordado.

Para esse momento, seguia-se a ordem de fala, respeitando as inscrições daqueles que levantavam uma das mãos.

Esgotando-se o debate, o “Momento de Cidadania” era concluído com uma rápida reflexão, sobre a temática, promovida pelo professor, seguindo-se, em alguns casos, da produção textual dos alunos, sobre um dos temas abordados.

Importante salientar o entusiasmo dos alunos na participação dessa atividade o que, por vezes, dificultava a passagem para o momento seguinte da aula. Eles queriam no dizer deles “falar sobre as coisas do Brasil”. (Aluno do 6º ano).

Atividade 02: Isso Também é Aula de Português (ITEADP)

Tal atividade foi desenvolvida numa dinâmica semelhante à apresentada no “Momento de Cidadania”, conforme já exposto. A diferença se deu no tipo de produção textual.

Considerando que os alunos do 9º ano apresentavam uma faixa etária entre 13 e 15 anos, foi solicitado que eles escolhessem um tema/assunto que lhes chamavam atenção de alguma forma e que poderia ser discutido na turma. O aluno apresentava o tema seguindo-se o debate.

Para esse momento, além do texto para exposição, o aluno produzia um texto dissertativo/argumentativo sobre o tema que ele apresentou para o debate.

O retorno que os alunos deram a essa atividade foi bastante positivo. O fato de eles escolherem e apresentarem os temas promoveu, no individual e no coletivo, um maior senso de responsabilidade, autonomia, autenticidade e respeito ao trabalho do outro, uma vez que todos vivenciaram a mesma situação em sala de aula.

Temas como: anorexia, bullying, prostituição, psicopatia e sociopatia, manifestações populares, menor idade penal, corrupção, entre outros, foram expostos e discutidos partindo do texto escrito e oral chegando ao texto oral e escrito, ratificando o pensamento de Possenti (2000) que defende que é no nível do texto que estão as principais questões no tocante ao ensino de língua materna.

Nessa perspectiva, acrescentamos, à guisa de conclusão que o desenvolvimento de ambas atividades permitiu o desenvolvimento de forma prazerosa e participativa das habilidades de ler, escrever, ouvir e falar, que, por vezes, se estabelecem de forma “truncada” no ensino de língua materna.

Apresentamos a seguir depoimentos de alunos sobre as citadas atividades:

Sobre a atividade: Momento de Cidadania (MC)

“É muito importante para o nosso conhecimento e para nosso desenvolvimento é legal saber o que acontece no país e outras coisas.” (M.V.S. / 6º Ano)

“O momento de cidadania é uma atividade muito boa, pois traz notícias e nos informa sobre o que está acontecendo em nossa cidade, além de aprimorar a escrita e a leitura.” (L.M.N.J. / 6º Ano)

“Eu acho que o momento de cidadania é muito legal porque ele faz um bom desenvolvimento nos oferece um bom estudo e notícias.” (G. F. A. M. / 6º Ano)

“Eu acho legal, pois eu aprendi coisas que eu não sabia que existia além de melhorar minha escrita e minha leitura.” (G. S. S. / 6º Ano)

“Eu acho bom porque assim nós fazemos um resumo sobre a reportagem e damos a nossa opinião”. Ajuda muito, pois a pessoa aprende também a melhorar a escrita. (C. S. S. T. / 6º Ano).

“O momento de cidadania é muito importante porque é nossa opinião sobre o mundo eu aprendo várias coisas com essa atividade que a professora desenvolve. Acho que deveria ter muito mais.” (S. S. R. / 6º Ano)

“O momento de cidadania é para mim muito importante porque às vezes nós não sabíamos o que acontecia, é muito bom e eu acho que não deve acabar, é muito bom a gente saber das notícias, também tínhamos cada um que dava a sua opinião a respeito do assunto.” (R. S. S. / 6º Ano)

“O momento de cidadania é importante porque a gente divide informações um com os outros a gente comenta como acha que devia acontecer.” (J. S. S. / 6º Ano)

“O momento cidadania é muito legal porque nós começamos a nos interessar por diversas notícias diferentes e dando nossa opinião sobre elas.” (V. M. A. / 6º Ano)

“A minha opinião sobre o (MC) é que as notícias são muito interessantes pois todos os alunos podem expressar a sua opinião sobre o que acha da notícia e além disso nós ganhamos pontos com a apresentação do “Momento de Cidadania.”” (L. J. M. G. / 6º Ano)

“Eu acho bem interessante e também é bem divertido, a gente discuti a nossa opinião sobre o assunto. E também contribui muito para que eu entendesse mais, muito mais para a minha formação.” (I. C. C. S. / 6º Ano)

“Eu acho o momento de cidadania muito importante para o meu conhecimento principalmente para a minha formação.” (D. S. R. / 6º Ano)

“É ótimo porque faz a gente aprender notícias, saber das coisas que acontecem no mundo, a gente fica informado, também damos opiniões.” (E. B. S. / 6º Ano)

“Muito legal, pois conseguimos aprender problemas sociais e como resolver esses problemas.” (L. M. S. F. / 6º Ano)

Sobre a atividade: Isso Também é Aula de Português (ITEADP)

“Muito interessante e divertido, traz as notícias atuais que estão acontecendo no Brasil ou fora, depende dos critérios. Não ocupa muito tempo da aula e traz muita informação para o dia-a-dia. Espero que continuemos com essa atividade.” (C. V. M. G. / 9º Ano)

“Na minha opinião é muito importante pois além de deixar a aula mais lúdica ela traz mais conhecimento para os alunos” (H. B. F. / 9º Ano)

"Interessante, pois diminui a monotonia dos assuntos de português. Assim abordamos assuntos e curiosidades interessantes." (M. J. S. F. / 9º Ano)

"Eu acho importante para o desenvolvimento do senso crítico de nós alunos. Principalmente em aulas em que ocorrem debates, após apresentação do aluno encarregado pela atividade no dia apresentar suas informações e opiniões. Isso faz com que pensemos no assunto, abrindo a mente para outras visões e saindo do senso comum." (J. C. L. D. F. / 9º Ano)

"Bem, eu acho muito interessante, pois me faz ver coisas novas, e visões diferentes sobre fatos, acontecimentos etc... e aprendi mais coisas, que talvez não ficaria sabendo." (B. A. / 9º Ano)

"Achei bem legal a iniciativa da professora na sala de aula, conseguimos aprender novos assuntos que estavam e estão acontecendo no Brasil e até mesmo no mundo. Temas como: greves, menor idade penal e corrupção foram debatidos na sala de aula nos ajudando a levar uma conclusão certa para o assunto. Levando assim para toda a turma um conhecimento a mais nas aulas de português." (P. A. A. M. / 9º Ano)

"Esta atividade é bastante enriquecedora, pois cada um de nós escolhe um tema e compartilha com a turma, debatendo e possibilitando a troca de opiniões sobre o determinado tema, temas que por sua vez são diversos e curiosos. O ITEADP ainda nos ajuda a desinibir e apresentar trabalhos ao público (turma), o que futuramente irá nos ajudar muito, além de instigar a leitura e escrita." (C. M. C. / 9º Ano)

"Gosto muito, pois estimula a leitura e o desenvolvimento da fala, principalmente com as pessoas mais tímidas, no meu caso gosto muito mesmo até porque aumentamos nosso conhecimento em relação aos assuntos abordados." (N. R. C. S. / 9º Ano)

"É uma ótima atividade onde os alunos aprendem a ler melhor e escrever também, além de criar o hábito de ler e escrever também nos permite conhecer melhor nossos colegas de classe, o que gostam e sobre o que se interessam em seu cotidiano." (Y. S. B. / 9º Ano)

"Achei incrível!. Com essa atividade podemos conhecer ou aprofundar conhecimentos por coisas cotidianas, ou não, que ouvimos sempre mas não sabemos de certo o que é. Nós alunos podemos expressar nossa admiração por algo que gostamos e queremos que o resto da turma conheça. Adorei." (T. F. F. S. / 9º Ano)

"A minha opinião sobre o ITEADP é que essa atividade diverte e descontra a turma e ao mesmo tempo nos dá informações que acontece no nosso cotidiano, fazendo com que abra nossa mente para novas informações." (L. J. / 9º Ano)

"A atividade "Isso também é aula de Português" foi uma ideia mais que perfeita, ela permitiu que a turma abrisse as portas para novos conhecimentos." (R. P. M. F / 9º Ano)

"Muito interessante. Nos permitiu aprender várias outras coisas além de Português. Sobre assuntos atuais, outros nem tanto mas sempre algo que nos interessa. Nós aprendemos muitas coisas de uma forma diferente e descontraída." (H. S. F. N. / 9º Ano)

REFERÊNCIAS

ANTUNES, M. I. C. M. **Lutar com palavras: coesão e coerência**. São Paulo: Parábola, 2005.

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.

BEZERRA, A. P. **A Importância da oralidade no ensino da língua escrita**. In: GOMES, C. M. (ORG.). **Língua e Literatura: Propostas de Ensino**. São Cristóvão: UFS, 2009.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC, 1998.

_____. _____. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC, 1999.

BRITTO, L. P. L. **A sombra do caos: ensino de língua x tradição gramatical**. Campinas: Mercado de Letras, 2008.

COSTA VAL, M. G. **Redação e textualidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FRANCHI, C. Linguagem – Atividade constitutiva. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 22, p. 51-90, 1977.

GERALDI, J. W. **Portos de Passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

KOCH, I. **A Inter-ação pela Linguagem**. São Paulo: Contexto, 2007.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P. BEZERRA, M. A. MACHADO, A. R. **Gêneros Textuais e Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 19-36.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento** – as formas do discurso. São Paulo: Brasiliense, 1987.

POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas: Mercado de Letras/Associação de Letras do Brasil, 2000. (Coleção Leituras do Brasil).